



Guia de Atividades: **Literatura e Imigração**

Paulo Marcelo Francescato Júnior



SUMÁRIO

1

OBJETIVO

- 1 Objetivo página - 4
- 2 Lista de Figuras página - 6

2

OBRAS & AUTOR

- 1.1 O Ciclo das Águas página - 8
- 1.2 O Centauro no Jardim página - 9
- 2 Biografia Moacyr Scliar página - 10

3

PROPÓSTAS TEMÁTICAS

- 1 Imaginário do Imigrante página - 12
- 2 Religiosidade do Imigrante página - 19
- 3 Identidade e Migração página - 25
- 4 Mulher Imigrante página - 31

4

CONCLUSÃO

- 1 Conclusão página - 36
- 2 Referências Produto página - 37

1

OBJETIVO

Aos professores de História:

Este Guia de Atividades: Literatura e Imigração foi elaborado com o objetivo de auxiliar a atuação docente em História na sala de aula. As salas de aula estão cada vez mais dinâmicas, e este material pretende ser um guia, um material confiável que apresente sugestões e um caminho. Como todo o material que sugere e promete ser didático, ele não tem um fim nele mesmo: depende sempre das características únicas de cada escola, de cada turma e de cada professor. Por isso, ele indica o caminho para os docentes, na forma de questões a serem abordadas e questionamentos atuais e pertinentes.

Para tanto, o tema proposto é o da Imigração Judaica no Rio Grande do Sul, ocorrido no princípio do século XX. Pensado como uma proposta a ser trabalhada pelo Ensino Médio, ela se utiliza de duas obras literárias: O ciclo das águas (1975) e O centauro no jardim (1980), do escritor gaúcho Moacyr Scliar. O autor, filho de imigrantes judeus e membro ativo da comunidade judaica gaúcha, faz de suas obras não apenas um relato fictício, mas sim uma verdadeira literatura de testemunho. Através dessas obras é possível aos leitores – e neste caso, também aos alunos – perceber o cotidiano dos imigrantes, desde o momento de sua chegada ao Brasil, até o convívio em comunidade nas novas terras; das dificuldades passadas no continente americano, ao convívio com os brasileiros e o encontro de culturas distintas. Um resgate, enfim, às sensibilidades inerentes ao indivíduo humano, que pode ser percebido na literatura e usufruído em sala de aula como uma das fontes históricas mais ricas.

Ao professor, são apresentadas 4 propostas temáticas, que têm como temas: Imaginário do Imigrante, Religiosidade do Imigrante, Imigração e Identidade e Mulher Imigrante. As propostas consistem em um roteiro de atividades, cujo objetivo é instigar o aluno a refletir acerca dos aspectos que o professor pretende abordar. Tais propostas podem ser parte de um projeto maior, interdisciplinar, que aborde mais de uma disciplina ou aula; podem também ser uma avaliação do que o aluno apreendeu com a leitura das obras, ou ainda a preparação para uma produção final do aluno.

Ainda, embora tenha como tema a Imigração Judaica do Rio Grande do Sul, estas 4 propostas temáticas podem ser adaptadas para o estudo de outros movimentos migratórios e em conjunto com outras obras literárias, de escolha do professor. Afinal, ninguém melhor que o docente para planejar e selecionar as melhores formas de trabalho para a sua própria turma.

Bom proveito!

Esse material foi desenvolvido como um produto final da dissertação Ensino de História e Literatura: a imigração judaica nas obras de Moacyr Scliar, do Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional em História da Universidade de Caxias do Sul, sob a orientação da Profa. Dra. Cristine Fortes Lia.

1

.2 - Lista de Figuras

Figura 1 – Capa da obra “O ciclo das águas”	
Figura 2 – Capa da obra O centauro no jardim	
Figura 3 – Escritor Moacyr Scliar	
Figura 4 – Eu e a aldeia, de Marc Chagall (1911)	
Figura 5 – Chuva, de Marc Chagall (1911)	
Figura 6 – Consagração de Abraão e seu filho, de Marc Chagall	
Figura 7 – Solidão, de Marc Chagall (1933)	
Figura 8 – O violinista, de Marc Chagall (1918)	
Figura 9 – O passeio, de Marc Chagall (1918)	
Figura 10 – Bella e Ida pela janela, de Marc Chagall (1916)	
Figura 11 – Então eu vim longe do mar, de Marc Chagall (1948)	



.....	8
.....	9
.....	10
.....	12
.....	16
.....	19
.....	22
.....	25
.....	29
.....	31
.....	35

2.1 - OBRAS

.1- O Ciclo das Águas

O CICLO DAS ÁGUAS

O ciclo das águas foi publicado pela primeira vez em 1975, e conta a história da jovem judia polonesa Esther, vítima de uma rede de tráfico internacional. Filha do mohel da pequena aldeia na qual ela vivia, ela apaixonou-se e casa-se com Mêndele, rapaz judeu oriundo das cercanias que nos últimos anos tinha vivido na América do Sul. O casamento, porém, é uma farsa, como logo percebe Esther, e ambos embarcam em um navio com destino à Buenos Aires, onde é abandonada em um bordel local. Acaba por estabelecer-se em Porto Alegre, onde engravida e foge do bordel em que trabalhava. Após dar à luz ao filho Marcos, abre sua própria casa noturna e consegue sustentar o filho até que este cresce e torna-se professor de História Natural. No entanto, vítima de uma manobra política, acaba por perder a sua boate, e com ele, o seu antigo status. A história se alterna, então, entre a narrativa da vida de Marcos e sua tentativa de tornar-se um pesquisador, e a luta de Esther para retomar a casa noturna, entre seus conflitos identitários e o declínio de suas belezas físicas.



O CENTAURO NO JARDIM

O centauro no jardim, foi publicado originalmente em 1980, e conta a trajetória de Guedali Tartakovsky, filho de imigrantes judeus moradores da colônia de Quatro Irmãos, nascido com uma peculiaridade: é um centauro. Por esse motivo, ao longo de toda a sua infância, é escondido na fazenda onde morava para não ser visto pelos demais colonos. A narrativa aborda o caminho em comum de muitas das famílias dos imigrantes judeus: a chegada no Brasil e fixação nas colônias da JCA, dificuldade de adaptação à vida no campo, e posterior ida aos grandes centros motivada pelo desejo de viver uma vida urbana. Em seguida, os Tartakovsky mudam-se para Porto Alegre. É lá que Guedali passa muito tempo confinado no jardim de sua casa até aborrecer-se da vida secreta e resolver fugir a galope para conhecer o mundo. Em suas andanças, trabalha em um circo e corre livremente pelos campos do Rio Grande do Sul, até conhecer a centaura Tita. Eles se juntam, e com a ajuda de dona Cotinha, protetora de Tita, vão até o Marrocos conhecer um médico especialista em cirurgias plásticas, na esperança de tornarem-se humanos por completo. Após a operação ser bem-sucedida, e ambos terem deixado para trás a metade equina, voltam ao Brasil para viverem como casal.

Acontece que apesar de ter agora a aparência de um humano comum, e mesmo tornando-se um empresário bem-sucedido, Guedali sofre inúmeras crises identitárias, e sofre para encontrar seu

lugar na sociedade. Ele e a mulher ainda convivem com o medo de serem descobertos, o que provoca um desgaste em sua relação e em uma crise conjugal. Todos esses problemas e a dificuldade de encaixar-se levam Guedali de volta ao Marrocos, onde deseja voltar a ser um centauro, o que acaba não acontecendo. Apenas a volta ao Rio Grande do Sul, em sua terra natal, e a reconciliação com Tita surtem o efeito esperado, e Guedali aos poucos consegue aceitar a si mesmo como é.



2.2 - AUTOR

Moacyr Jaime Scliar nasceu em Porto Alegre (RS) no ano de 1937, filho de José e Sara Scliar. Os pais eram judeus da Bessarábia, que vieram ao Brasil no início do século para fugir das perseguições comuns à população judaica europeia. Chegaram no Brasil ao fim da fase em que as famílias se instalavam nas colônias agrícolas, portanto logo situaram-se no centro urbano. Foi em Porto Alegre que Moacyr Scliar passou a maior parte de sua infância, em meio à comunidade judaica, com suas crenças, seus hábitos e suas histórias.



Médico, dividiu sua atuação profissional com a publicação de diversas obras, como: *O ciclo das águas*, *O centauro no jardim*, *A guerra do Bonfim*, *Os deuses de Raquel*, *Exército de um Homem Só*, *A mulher que escreveu a Bíblia*, *Max e os Felinos*, entre muitos outros. Nas obras, costumava abordar a questão judaica, sua cultura e religiosidade, fato que pode considerá-lo um testemunho da imigração judaica no Rio Grande do Sul. Foi colunista do jornal *Zero Hora* e membro da Academia Brasileira de Letras. Faleceu em 2011, aos 73 anos, meses depois de publicar sua última obra, *Eu vos abraço, milhões* (2010).

3.1 - Imaginário do Imigrante

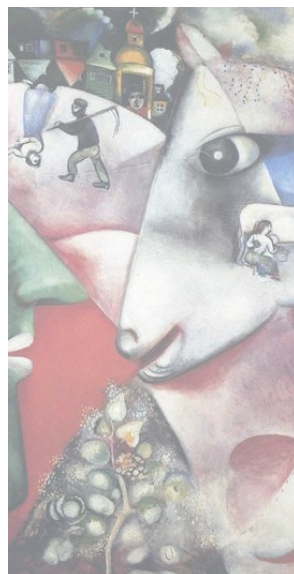
Tema:

Imaginário do Imigrante

Obra utilizada: O Centauro no Jardim

Objetivos:

Todo indivíduo que passa por um processo migratório, esteja ele sozinho ou juntamente com sua família, enfrenta distintas sensações de estranhamento e enfrentamento diante das situações que enfrenta. A longa viagem, característica de deslocamentos no início do século XX diante dos meios de transporte da época, a chegada em um país de língua, clima e costumes diferentes dos quais estavam habituados, e somando-se a tudo isso a necessidade de acostumar-se com a vida no campo, na maioria dos casos, provoca um turbilhão de sentimentos e expectativas aos imigrantes judeus que vieram ao Brasil. Essa proposta temática pretende instigar o aluno a perceber diversos aspectos relativos ao imaginário do imigrante judeu durante o processo migratório, e explorar a narrativa da obra *O Centauro no Jardim* como uma fonte.



ATIVIDADES:

1 – Descreva como era a vida da família de Guedali na Colônia de Quatro Irmãos, no Rio Grande do Sul:

2 – Com base na obra O centauro no jardim, por que os Tartakovsky resolveram ir embora da Rússia e vir para o Brasil? E na sua opinião, que motivos fazem um imigrante sair de sua terra natal e ir se estabelecer em outro lugar, muitas vezes totalmente diferente do seu local de origem?

3 – Os imigrantes judeus chegaram ao Brasil em navios. Na época, início do século XX, as viagens eram muito mais longas que na atualidade, e muito menos confortáveis.

Como a viagem para o Brasil é descrita em O centauro no jardim?

4 – Veja o que Moacyr Scliar fala sobre a trajetória dos judeus no Rio Grande do Sul. O primeiro quadro, diz respeito às expectativas dos imigrantes judeus antes de deixarem a Europa. O segundo, diz respeito à sua chegada e ao que encontraram no Brasil:

3.1 - Imaginário do Imigrante

QUADRO 1

“Esta é a descrição que Marcos Iolovich faz da ilustração do panfleto no escritório da ICA na Bessarábia, incentivando a imigração:

Sob um céu límpido e distante, de um azul muito doce, um lavrador, chapéu de abas largas, camisa branca arremangada, empunhava, encurvado, as rabiças de um arado, puxado por uma junta de bois, revolvendo a terra virgem. Um pouco mais longe, no fundo, o ouro vegetal de intensos trigais maduros. Mais além, azulados pela distância, coqueiros, palmeiras e florestas misteriosas. É, no primeiro plano, destacando-se em cores vivas e fortes, um enorme pomar em que predominavam laranjeiras, e cuja sombra porcos comiam lindas laranjas caídas no chão.

SCLIAR, Moacyr. A saga da colonização judaica no Rio Grande do Sul. In: WAINBERG, Jacques A., coord. *100 Anos de Amor: A imigração judaica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004, p. 50-48-49.

“Para essas pessoas o Brasil era um paraíso. E por que era um paraíso? A esta pergunta, os imigrantes davam respostas inesperadas. ‘Por que o Brasil tem sol’, diziam, ‘porque o céu é azul: coisas que maravilhavam gente vinda de regiões caracterizadas por um tenebroso inverno. E não era só o clima ameno e a paisagem deslumbrante. Era o açúcar, raro na Europa, mas abundante no Brasil. E as frutas: na Rússia, eram importadas, custavam muito caro. No Brasil, estavam ao alcance de todos. [...] Laranjas, bananas, abacaxi, abacate, açúcar – delícias aguardavam esses viajantes. Claro, não eram só isso que contava, a coisa material. Como diz o historiador Simon Dubnow: ‘Eles queriam pão e liberdade, porém mais a liberdade que o pão’. A liberdade de aspirar uma vida melhor. A liberdade de não ter medo. A liberdade de trabalhar. A liberdade de educar os filhos. ”

SCLIAR, Moacyr. *Uma autobiografia literária: o texto, ou: a vida*. Porto Alegre: L&PM, 2017, p. 23-24

QUADRO 2

“Muitas eram as esperanças que os animavam a enfrentar a longa viagem marítima. Depois de cinco semanas, chegavam ao rio de Janeiro. De lá seguiam, ainda de navio, à cidade de Rio Grande. Continuavam por terra rumo às colônias situadas no interior do Estado, então escassamente povoado. Era o mato, aquilo. E o mato tinha, para os colonos europeus, um significado sombrio. O mato não é a floresta europeia, com seus anãozinhos e lendas encantadoras. O mato é o mato; hostil, reduto de perigos insuspeitados. Que os judeus, como outros imigrantes, trataram de enfrentar.”

SCLIAR, Moacyr. *Uma autobiografia literária: o texto, ou: a vida*. Porto Alegre: L&PM, 2017, p. 25.

- - -

“Conta o imigrante Marcos Iolovich:

Meus pais tinham ido visitar uma família que morava a certa distância e levaram junto o menor dos meus irmãos. De volta, se perderam no mato... Quando, na manhã seguinte, chegaram em casa, a criança estava febril. Dias depois veio a falecer.

De mato e campo, cada família recebia 25 a 30 hectares – e mais instrumentos de trabalho agrícola, duas juntas de bois, duas vacas e um cavalo – que lhes custavam cinco contos de réis, pagáveis num prazo de dez a vinte anos. [...] mas aquilo não era o suficiente para desfazer a apreensão, o temor dos imigrantes que esperavam, também, casas confortáveis e escolas para os filhos. Ao invés disso, ficaram alojados em pequenas casas de madeira com zinco. Precárias: sem pintura, sem vidraças e com frestas entre as tábuas. Ameaças insuspeitadas e até cômicas surgiam: uma das emigrantes se queixava dos macacos, que atiravam espigas de milho nas pessoas e gritavam muito nos dias de chuva.

SCLIAR, Moacyr. A saga da colonização judaica no Rio Grande do Sul. In: WAINBERG, Jacques A., coord. *100 Anos de Amor: A imigração judaica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004, p. 50-51.

3.1 - Imaginário do Imigrante

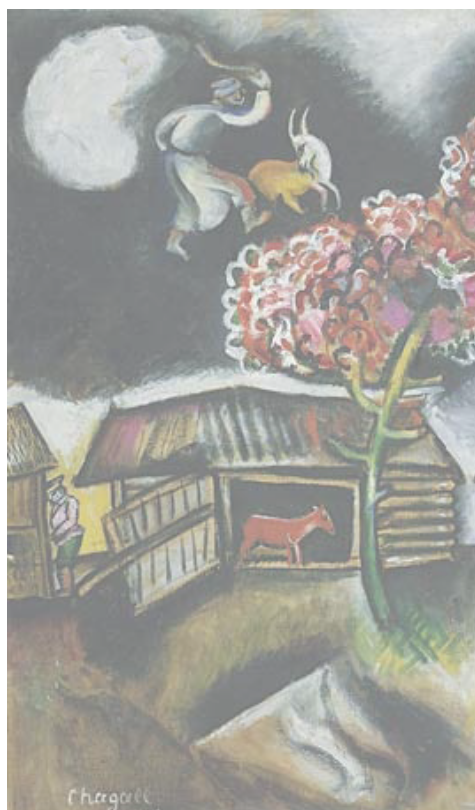
Descreva com suas palavras, quais eram as expectativas e motivações que os imigrantes judeus tinham com relação à vinda para o Brasil, e em seguida, explique qual foi a realidade por eles encontrada:

EXPECTATIVA: _____

REALIDADE: _____

5 – Os pais de Guedali, Leão e Rosa, tinham opiniões diferentes sobre a vinda para o Brasil, e também sobre a permanência da família no interior da colônia de Quatro Irmãos. Descreva, conforme o quadro abaixo, a opinião de cada um, e em seguida, retire um trecho da obra que ilustre essa opinião:

PERSONAGEM	TRECHO DA OBRA:	O QUE ACHAVA DA IMIGRAÇÃO:
LEÃO		
ROSA		



6 – Leia o trecho abaixo:

“A imigração judaica para o Brasil e Argentina no final do século XIX teve origem na iniciativa da Jewish Colonization Association, ou ICA, instituição de caráter filantrópico, fundada em 1891 pelo Barão Maurice de Hirsh, visando promover a imigração de judeus perseguidos através do estabelecimento de colônias agrícolas nas Américas. Este movimento cresceu significativamente a partir de 1900, principalmente entre as comunidades judaicas da Europa Ocidental e dos Balcãs, regiões onde a ICA se fez de forma mais efetiva”.

BARBOZA, Tatiana Machado. A Jewish Colonization Association (ICA). IN: WAINBERG, Jacques A., coord. *100 Anos de Amor: A imigração judaica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004, p. 59.

Em *O centauro no Jardim*, qual é a opinião do pai de Guedali, Leão Tartakovsky a respeito do Barão Maurice de Hirsh? Na sua opinião, por que ele tinha esse sentimento de dívida e obrigação com o Barão?

7 – Quais foram os motivos que levaram a família de Guedali a sair a colônia de Quatro Irmãos? Foi apenas temendo a segurança de Guedali, ou haviam outros motivos? Justifique.

8 – Descreva abaixo o destino de cada membro da família Tartakovsky na obra:

GUEDALI: _____

LEÃO: _____

3.1 - Imaginário do Imigrante

ROSA: _____

BERNARDO: _____

DÉBORA: _____

MINA: _____

9 – Na sua opinião: a família de Guedali conseguiu cumprir com as expectativas criadas quando decidiram emigrar para o Brasil? Justifique.

10 – Você conhece outros movimentos migratórios ocorridos no Brasil, além da imigração judaica? Quais? Descreva as expectativas e dificuldades que os esses imigrantes encontraram, se possível, ilustrando com exemplos ou casos do seu conhecimento:

3.2 - Religiosidade do Imigrante

Tema: Religiosidade do Imigrante

Obras utilizadas: O ciclo das águas;
O centauro no jardim

Objetivos:

Juntamente com seus poucos bens materiais, o imigrante traz consigo suas crenças religiosas e hábitos rituais. Tão importante quanto o alimento, a liberdade de poder expressar a sua religião estava entre os principais motivos que levaram os indivíduos a emigrar para outro país. Especialmente no caso dos imigrantes judeus, no qual a religião se configura em um dos principais fatores identitários. No entanto, tendo imigrado para o um país de grande maioria católica, enfrentaram algumas dificuldades para pôr em prática sua religião, como a distância entre as famílias na vida no interior das colônias, e no convívio dos filhos dos imigrantes com a população brasileira, que fez com que muitos destes deixassem de praticar o judaísmo. Essa proposta temática tem como objetivo provocar o aluno a compreender as necessidades religiosa dos imigrantes, a importância desse fator para a vida em comunidades e as dificuldades e soluções encontradas para a prática dos seus rituais, tendo como fonte as obras literárias *O ciclo das águas* e *O centauro no jardim*.



3.2 - Religiosidade do Imigrante

ATIVIDADES:

1 – Leia os seguintes trechos:

“ O desenvolvimento de atividades religiosas foi um desafio para os imigrantes judeus. Em um país majoritariamente católico, era difícil ostentar uma religião distinta. No período da chegada oficial da comunidade judaica não existiam sinagogas e escolas israelitas.”

LIA, Cristine Fortes; STAEHLER INDICATTI, Kelen Katlen. Sobre Esther, Guedali, Raquel, Rosa, Leão e Débora: a literatura de Moacyr Scliar e a transmissão do Judaísmo no Brasil. *Revista del Cesla*. Varsóvia, n. 20, 193-208, 2017.

“E então podiam tirar das malas e arcas seus pertences. Os espessos edredões de penugem de ganso – que agora os protegiam contra o minvano. [...] A louça e os talheres para o *shabat* e para os dias festivos, candelabros para as velas, o livro de orações: a milenar tradição era retomada, a ancestral corrente era refeita.”

SCLIAR, Moacyr. A saga da colonização judaica no Rio Grande do Sul. In: WAINBERG, Jacques A., coord. *100 Anos de Amor: A imigração judaica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004, p. 52.

A obra *O centauro no Jardim* conta a trajetória da família de imigrantes judeus Tartakovsky, que se estabeleceram no Brasil vindos da Europa. Identifique na obra momentos em que a família de Guedali realiza a prática de rituais religiosos e cite-os abaixo:

2- Em *O ciclo das águas* e em *O centauro no jardim* muitas vezes aparece a figura religiosa do *mohel*. Qual, na sua opinião, é o papel do *mohel* na religião judaica, já que ele sempre é procurado pelos personagens? Qual é a importância que ele tem entre os imigrantes judeus, com base nas obras lidas? Justifique.

3 – Abaixo estão alguns elementos religiosos judaicos descritos nas obras *O centauro no jardim* e *O ciclo das águas*. Com base no seu entendimento, descreva o significado desses elementos:

a) Brit Milá (ou circuncisão): _____

b) Bar Mitvah: _____

c) Sinagoga: _____

d) Torá: _____

4 – Leia os trechos abaixo, retirados de *O ciclo das águas* e *O centauro no jardim*. Eles retratam as providências tomadas por Esther e Leão após o nascimento de seus filhos Marcos e Guedali:

“Esther descansa, exausta, feliz. Nos próximos dias terá muito a fazer. Porque é um menino: precisa circuncidá-lo. [...] Procura o *mohel*, o homem da circuncisão. Este, a princípio, resiste; não quer fazer a circuncisão no filho de uma impura, de uma mulher que vive na boca do povo; teme por sua própria reputação. Mas é tal o desamparo da pobre Esther que acaba concordando; afinal, ela é filha de um *mohel*. Não só fará a circuncisão, como providenciará, para a cerimônia, o *minian*, o quórum necessário de homens”.

SCLIAR, Moacyr. *O ciclo das águas*. Porto Alegre: L&PM, 2010, p. 60-61.

“Agora que sua família está reunida novamente em torno da mesa, agora que está tudo bem, decide meu pai, é tempo de fazer a circuncisão do menino. Homem religioso, não deixará de cumprir suas obrigações. É preciso que o filho seja introduzido no judaísmo. Meu pai atrela a égua a charrete – que só é usada nessas ocasiões especiais – e vai à cidade em busca do *mohel*, o homem que faz as circuncisões.”

SCLIAR, Moacyr. *O centauro no jardim*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2014, p. 25.

3.2 - Religiosidade do Imigrante

Mesmo apesar das dificuldades – a possível recusa do *mohel* por Esther ser prostituta e a distância entre a colônia e a cidade, no caso de Leão – eles insistem que a cerimônia seja realizada. Na sua opinião, porque era tão importante para Esther e Leão que seus filhos fizessem o *Brit Milá*, a cerimônia de circuncisão realizada nos meninos judeus? Explique:

5 – Cada personagem de *O ciclo das águas* e *O centauro no jardim* possui uma forma diferente de lidar com suas religiosidades, apesar de todos serem imigrantes ou filhos de imigrantes judeus. Descreva a forma como cada um dos personagens abaixo expressa sua religiosidade:

a) Esther: _____

b) Marcos: _____

c) Leão Tartakovsky: _____

d) Guedali: _____



6 – Leia os trechos ao lado. O primeiro é da historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro, sobre a liberdade religiosa dos imigrantes judeus, e a outra é da obra *O centauro no jardim*, que descreve o momento em que Guedali é apresentado por Tita às demais mulheres da fazenda de dona Cotinha:

“Não se proibia a prática de outras crenças, nem se perseguia aos seus seguidores, mas o espaço político-social das outras religiões encontrava-se reduzido e sua imagem estereotipada.”

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Anti-Semitismo na Era Vargas: fantasmas de uma geração (1930-1945)*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 112.

“As mulheres voltam-se então para mim. Me rodeiam, me examinam, curiosas. Que coisa, diz uma, e eu que pensei que a Tita fosse um caso único. Sorte que ele é bonito, diz outra, fará um belo par com a minha filha. [...] Mas vocês vão casar, advertite uma terceira, não tem nada dessa sacanagem de se juntar, vão casar na igreja. Riem, imaginando a cara do padre, Tita ri, eu também. Não posso casar na igreja, digo rindo, sou judeu. Param de rir, se olham, desconfiadas. Judeu, isso será coisa boa? Os judeus mataram Cristo, os judeus são gananciosos – é para um desses que vão entregar Tita?”

SCLIAR, Moacyr. *O centauro no jardim*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2014, p. 77.

A partir dos trechos acima, é possível perceber que apesar de não haver uma perseguição às práticas religiosas dos imigrantes judeus, mesmo assim havia certo preconceito e desconfiança dos brasileiros com quem fosse de uma religião diferente – especialmente judeu. Na sua opinião, como os imigrantes se sentiam com relação a isso? Era tão simples assim assumir sua religiosidade em um país de maioria religiosa diferente? Justifique.

7 – Em *O ciclo das águas*, pode-se perceber que existia também o preconceito entre os próprios imigrantes judeus. Vejamos o trecho que descreve a ida de Esther ao cinema:

3.2 - Religiosidade do Imigrante

“(Com a comunidade judaica Esther não tem nenhum contato. Recusam-na. Uma vez ela vai no Cinema Baltimore. [...] Toma um táxi. Chega cedo; mas já há uma pequena e barulhenta multidão; comprime-se diante da bilheteria. Quando ela se aproxima, faz-se silêncio; à sua passagem, afastam-se. Ela vê uma senhora gorda cuspir no chão. Vê uma senhora nervosa murmurar qualquer coisa no ouvido do marido. Mas não se perturba. Avança até a bilheteria e compra seu ingresso.

- Vamos embora! – diz uma voz esganiçada, de mulher.

SCLIAR, Moacyr. *O ciclo das águas*. Porto Alegre: L&PM: Porto Alegre, 2010, p. 39.

Apesar disso, e com base na obra, o fato de Esther estar excluída da vida comunitária judaica a impediu de praticar os rituais judaicos? Cite um trecho da obra que justifique sua opinião.

8 – Procure nas obras *O ciclo das águas* e *O centauro no jardim* momentos em que:

a) Os rituais religiosos são feitos no âmbito público (na sinagoga, na comunidade, etc.): _____

b) Os rituais religiosos são feitos no âmbito privado (em casa, no pensamento, na oração particular): _____

9 – Você conhece outros movimentos migratórios ocorridos no Brasil, além da imigração judaica? Quais? Qual era a religião praticada por esses imigrantes, e de que maneira eles expressavam suas religiosidades e praticavam seus rituais? É possível ainda hoje perceber a influência de elementos religiosos desses imigrantes?

3.3 - Identidade e Imigração

Tema: *Identidade e Imigração*

Obras utilizadas: *O ciclo das águas* e *O centauro no jardim*

Objetivos:

Além dos poucos bens materiais e expectativas, os imigrantes também trouxeram consigo marcas invisíveis. Essas marcas consistem na sua cultura, seu passado, na sua religião, seus hábitos, enfim, toda e qualquer característica que fazem parte do que pode ser chamado de identidade. Essa identidade é o fator que cria o sentimento de pertencimento entre os imigrantes, que causa o estranhamento junto à população brasileira e é o fator que mantém o grupo coeso após a imigração. Além disso, essa identidade transforma-se com a vivência no Brasil, e faz com que os filhos dos imigrantes possuam um hibridismo identitário. Esta proposta em como objetivo explorar as questões identitárias do imigrante judeu: de que maneira os imigrantes sentem-se pertencentes de um mesmo grupo, a vida comunitária que procura manter o grupo coeso, as mudanças que a vivência no Brasil provocou na identidade de cada um, e o hibridismo identitário dos filhos dos imigrantes, que são criados em um contato com a cultura judaica e a local. Para isso, são utilizadas as obras literárias *O ciclo das águas* e *O centauro no jardim*, juntamente com outras fontes historiográficas que abordam o conceito de identidade.



3.3 - Identidade e Imigração

ATIVIDADES:

Vamos ler abaixo o significado do conceito de identidade:

O que é identidade?

Identidade é a imagem que temos de nós mesmo e a imagem que temos dos outros. É o que define quem somos e qual o nosso lugar na sociedade. Ela é construída a partir de todas nossas experiências de vida, especialmente das relações sociais que possuímos. Os grupos dos quais fazemos parte definem a nossa identidade, porque adquirimos as características desse grupo, e também nos diferencia dos demais grupos.

Exemplo 1: o que diferencia um sujeito brasileiro de um norte-americano?

O brasileiro possui a sua cultura, a sua história, idioma, os seus hábitos, o seu passado. Esses fatores constroem a **identidade** do brasileiro. Ao mesmo tempo que ela une e identifica os brasileiros entre si, ela os diferencia do norte-americano. O norte-americano, por sua vez, tem sua própria cultura, idioma, história, hábitos e passado, que são diferentes das do brasileiro. Essas características constroem a **identidade** do norte-americano, que da mesma maneira que os identifica entre si, os diferencia dos demais.

No entanto, a identidade não funciona só para diferenciar nacionalidades. Ela serve para qualquer situação: etnia, religião, regionalidades, hábitos de vida, passatempos. Vejamos:

Exemplo 2: o que diferencia um católico de um muçulmano? Aqui, a nacionalidade não conta, bem como outros fatores anteriores. Os indivíduos podem ter diferentes nacionalidades, falar idiomas distintos e possuir cultura e hábitos totalmente diferentes, no entanto, a religião é o **elemento identitário** responsável por diferenciar os grupos.

Ainda, o contrário também pode ocorrer. Observe:

Exemplo 3: imagine dois sujeitos, que moram na mesma cidade, falam o mesmo idioma, possuem hábitos muito parecidos,

mas que torcem para times de futebol diferentes. Apesar de possuir os mesmos traços identitários referentes à nacionalidade, idioma e cultura, quando se trata de futebol, possuem algo que os diferencia. O primeiro, por se identificar mais com a torcida do time A, se sente **pertencente** àquele grupo, pelas semelhanças com os demais torcedores, e por se sentir diferente aos torcedores de outro time.

Podemos dizer, portanto, que a identidade é baseada nas **semelhanças** que um grupo possui, e mais ainda, nas **diferenças** com relação a outros grupos. Ao fazer parte de um grupo identitário, portanto com características semelhantes entre si, um indivíduo desenvolve um **sentimento de pertencimento** àquele grupo.

No entanto, as identidades não são fixas, imutáveis. Elas mudam constantemente, conforme cada indivíduo vai tendo relações sociais. À medida que for transitando entre diferentes grupos, cada sujeito pode assumir uma diferente identidade, conforme for adquirindo ou perdendo certas características identitárias. Isso pode ocasionar em um **hibridismo identitário**, ou seja, um indivíduo que possua características identitárias de grupos bem distintos entre si.

Adaptado de:

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, TomazTadeuda. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009.

1 – Analisando os principais personagens de O ciclo das águas e O centauro no jardim (Esther, Guedali, Leão, Rosa, Marcos), na sua opinião, eles possuem algum traço identitário em comum? Justifique.

3.3 - Identidade e Imigração

2 – As duas obras lidas falam sobre a imigração judaica. De que maneira um movimento migratório atua sobre a identidade de um indivíduo? Explique:

3 – Leia os trechos abaixo:

Apesar da imigração judaica oficial para o Brasil ter iniciado nas colônias agrícolas no Rio Grande do Sul, essa experiência rural não formou um perfil de agricultor para o imigrante judeu. Este, que nem sempre trazia uma experiência anterior essencialmente urbana, na grande maioria, não pretendia fixar-se em zonas rurais. A maior parte dos habitantes das colônias transferiu-se rapidamente para as cidades. O modo de viver cultural dos judeus era incompatível com sua fixação em pequenos núcleos rurais. [...] As adversidades enfrentadas eram amenizadas com a esperança de mudança para alguma cidade. Os imigrantes judeus nunca se sentiram verdadeiramente adaptados à vida nas colônias.

LIA, Cristine Fortes. *Bons cidadãos: a comunidade judaica do Rio Grande do Sul durante o Estado Novo (1937-1945)*. Tese (Doutorado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS, Porto Alegre, 2004.

Em *O centauro no jardim*, como era a vida dos Tartakovsky na Europa? E na sua opinião, quais foram os motivos que levou a família de Guedali deixar a deixar a colônia de Quatro Irmãos para morar em Porto Alegre, levando em consideração suas características identitárias?

4 – Com base nas obras lidas, cite abaixo momentos em que:

a) Os personagens mantiveram seus hábitos de origem: _____

b) Os personagens adquiriram novos hábitos: _____

5 – Na sua opinião, qual dos personagens imigrantes ou filho de imigrantes em *O ciclo das águas* e *O centauro no jardim* possui menos traços de identidade judaica? O que fez com que ele perdesse essas características identitárias? Justifique. _____

6 – Como era a vida de Esther antes de vir ao Brasil? E depois de vir ao Brasil? Você acha que a identidade de Esther se modificou nesse período? Explique. _____

7 – Na sua opinião, Guedali se sentia mais à vontade vivendo no campo, na cidade, ou ele próprio não se sentia pertencente a nenhum dos dois lugares? Justifique. _____

8 – Em *O ciclo das águas* a imagem da sereia aparece constantemente, sempre sendo atribuída à personagem Esther. Já em *O centauro no jardim*, o próprio Guedali nasce com o corpo de centauro. Sereia e centauro são duas criaturas mitológicas, que tem em comum o *hibridismo*: são metade humanos e metade animais. Na sua opinião, por que o autor utiliza esse simbolismo para os dois personagens? Tem a ver com a construção identitária de cada um? Justifique.



3.3 - Identidade e Imigração

9 – À medida que as gerações de imigrantes vão avançando, os traços identitários em comum vão se transformando, ou mesmo se perdendo, de acordo com o contato com a população local. Descreva no quadro abaixo de que maneira cada um dos personagens se relaciona com a sua identidade judaica:

PRIMEIRA GERAÇÃO (IMIGRANTES)	CARACTERÍSTICAS IDENTITÁRIAS
Leão	
Rosa	
Esther	

SEGUNDA GERAÇÃO (FILHOS DE IMIGRANTES)	CARACTERÍSTICAS IDENTITÁRIAS
Guedali	
Bernardo	
Marcos	

10 – Leia o trecho abaixo:

“A vida nas colônias acabou gerando uma cultura própria, síntese da bagagem cultural trazida pelos imigrantes e dos costumes locais. Esta cultura girava não apenas em torno da sinagoga (e da celebração das festas judaicas) ou do clube, como também das orquestras de amadores que ali se formaram, dos grupos de teatro, e mesmo de uma produção literária que mais tarde viria à luz sob formas de relatos sobre o cotidiano dos colonos. É um característico da vida judaica, este, de que mesmo nas mais duras condições, as manifestações culturais são preservadas como forma de superar as dificuldades e manter viva a tradição.”

SCLIAR, Moacyr. A saga da colonização judaica no Rio Grande do Sul.
In: WAINBERG, Jacques A., coord. *100 Anos de Amor: A imigração judaica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004.

Com base no trecho acima, e nas obras lidas, descreva de que maneira um grupo imigrante consegue preservar suas características identitárias. _____

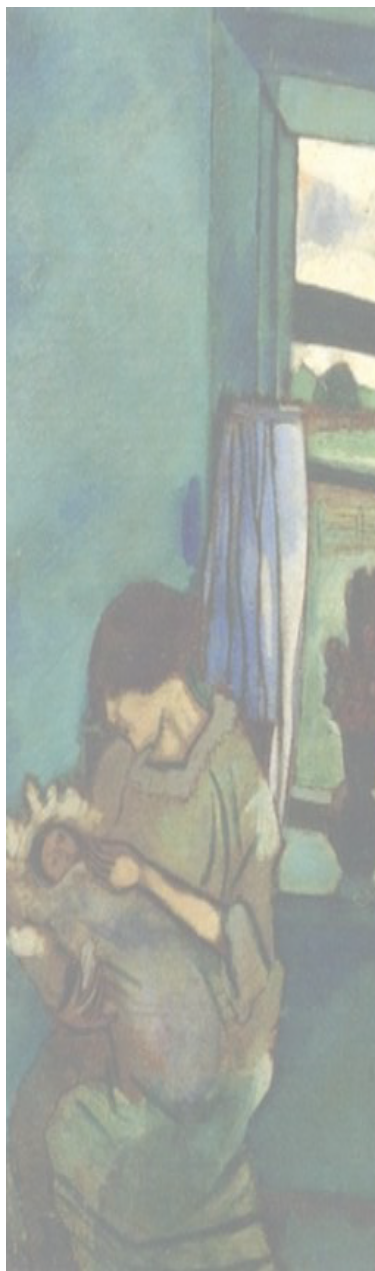
3.4 - Mulher Imigrante

Tema: *Mulher Imigrante*

Obras utilizadas: *O ciclo das águas* e
O centauro no jardim

Objetivos:

O significado de imigração pode ser diferente para cada indivíduo nela envolvida. Além das motivações, expectativas e dificuldades encontradas por cada um, ser homem ou mulher também ocasiona diferentes experiências migratórias. Tanto em relação ao trabalho, uma vez que às obrigações diárias somavam-se o cuidado da casa e dos filhos, bem como seu papel na comunidade, a realidade da mulher era diferente a dos homens. No caso da imigração judaica do século XX, em específico, um grupo de imigrantes mulheres passou por trajetória diferente dos demais. Além da imigração oficial da JCA, uma rede de tráfico internacional de mulheres, a *Zwi Migdal* atuou trazendo à América do Sul milhares de jovens mulheres judias para atuarem como prostitutas. Geralmente habitando em aldeias e vivendo em condição de pobreza na Europa, essas jovens eram facilmente enganadas ou convencidas a migrarem para a América, sob a promessa de falsos casamentos ou mesmo de melhora de condição de vida. Esta proposta tem como objetivo, portanto, abordar com os alunos a condição da mulher imigrante, suas especificidades e dificuldades, bem como o preconceito da sociedade, e tem como fonte as obras literárias *O ciclo das águas* e *O centauro no jardim*, que descrevem a trajetória de imigrantes judeus no Brasil.



3.4 - Mulher Imigrante

ATIVIDADES:

1 – Descreva como era a vida de Esther e sua família na Polônia:

2 – Leia o trecho abaixo:

“A situação das polacas na prostituição, entretanto, foi um caso à parte. Além da pobreza e misérias enfrentadas no país natal, elas eram perseguidas pelos pogroms e pelo antissemitismo na Europa Oriental e Mediterrânea. Enquanto isso, a Europa Ocidental vivia um momento de maior desenvolvimento econômico e tecnológico. Assim, sem instrução e trabalho, sendo analfabetas, ainda virgens, essas mulheres recebiam propostas de casamento e promessas de uma vida melhor, mas acabavam sendo vítimas do tráfico sexual. Muitas chegaram a essa condição por serem enganadas pelos próprios maridos, que contraíam matrimônio apenas para aliciá-las, ou pelos pais, que as vendiam.”

CALIXTO, Lunara. *Esther: uma prostituta judia em O ciclo das águas*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

Com base na questão anterior, e no trecho acima, responda: que motivo levaram Esther a aceitar tão facilmente a proposta de Mên dele de casamento e mudança para o Brasil?

3 – Releia o seguinte trecho de *O ciclo das águas*:

“Esther fechou a porta. A sós com o moribundo, deu-lhe um súbito desespero. Sacudia Mên dele, interrogava-o: o que deveriam fazer em Buenos Aires? A quem procurar? Onde? E depois: *o que vai ser de nós, Mên dele?* Mên dele não respondia. Estava morrendo; suor frio, nariz afilado, lábios secos e gretados, estava morrendo, estava mesmo morrendo. Ai, ela gritava, o que vai ser de mim? Me acuda, mãezinha! Um ronco, um estertor e depois o silêncio: Mên dele estava morto.”

SCLIAR, Moacyr. *O ciclo das águas*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

Por que Esther tem tanto medo de ficar sozinha, mesmo sabendo que Mên-dele havia lhe enganado? Na sua opinião, se Esther fosse um homem ela teria o mesmo medo de ficar abandonado em um novo país? Justifique.

4 – Em O ciclo das águas percebemos que Esther não convivia com o restante dos imigrantes judeus de Porto Alegre, vivendo à margem da comunidade judaica. Veja abaixo um trecho retirado da obra:

“Com a comunidade judaica Esther não tem nenhum contato. Recusam-na. Uma vez ela vai no Cinema Baltimore. [...] Toma um táxi. Chega cedo; mas já há uma pequena e barulhenta multidão; comprime-se diante da bilheteria. Quando ela se aproxima, faz-se silêncio; à sua passagem, afastam-se. Ela vê uma senhora gorda cuspir no chão. Vê uma senhora nervosa murmurar qualquer coisa no ouvido do marido. Mas não se perturba. Avança até a bilheteria e compra seu ingresso. - Vamos embora! - diz uma voz esganiçada, de mulher.

SCLIAR, Moacyr. O ciclo das águas. Porto Alegre: L&PM: Porto Alegre, 2010, p. 39.

Na sua opinião, por que o restante da comunidade judaica não aceita Esther, se essa, tal como ela, é composta por imigrantes e assim possuem uma origem semelhante?

5 – Descreva abaixo qual era o trabalho e afazeres dos seguintes personagens de O centauro no jardim:

a) Leão Tartakovsky: _____

b) Rosa Tartakovsky: _____

c) Bernardo Tartakovsky: _____

3.4 - Mulher Imigrante

6 – Releia os trechos abaixo de *O centauro no jardim*, que descreve o casamento de duas personagens:

Rosa e Leão

“Além do mais, é seu marido, seu homem. Nunca gostou de outro; nunca pensou em nenhum outro. O pai lhe dissera vais casar com o filho do Tartakovsky, é um bom rapaz. Pronto: seu destino fora traçado. Quem era ela para discutir? E mesmo, não lhe desagradava Leão, um dos rapazes mais bonitos da aldeia”

Débora e advogado curitibano

“Algum tempo depois Débora foi a um baile do Círculo e lá conheceu um viúvo, um advogado de Curitiba; se apaixonaram; decidiram casar imediatamente.”

SCLIAR, Moacyr. *O centauro no jardim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Rosa casou ainda na Rússia, antes da imigração ocorrer. Já Débora, veio a se casar em Porto Alegre. Por que essa diferença de costumes anteriores e posteriores à imigração? Na sua opinião, para as mulheres imigrantes, houveram outras mudanças de costumes após migrarem para o Brasil?

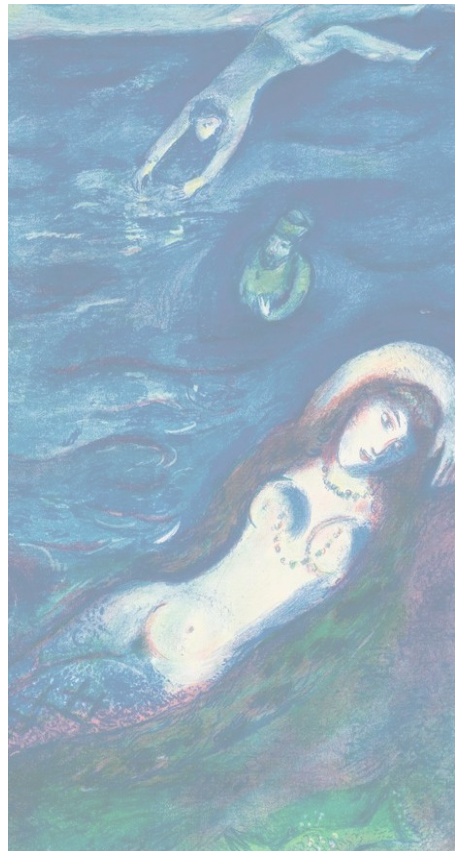
7 – Leia o trecho abaixo, da pesquisadora Lunara Calixto, sobre a obra *O ciclo das águas*:

A alternância de vozes consegue mostrar Esther em diferentes momentos de sua vida. Em uma abordagem linear do enredo, o narrador onisciente começa descrevendo Esther ainda adolescente, com dezessete anos, vivendo em uma aldeia da Polônia, no início do século XX. O pai dela, um mohel, a mantém em um ambiente em que se preza uma conduta de recato e submissão da mulher em relação à sua família. Em um contexto fortemente marcado pelo patriarcado, tendo como chefe familiar um homem responsável pela realização das normas doutrinárias do judaísmo, a formação de Esther a colocava como sendo um gênero inferior.

CALIXTO, Lunara. Esther: uma prostituta judia em *O ciclo das águas*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

A partir da leitura do trecho acima, e da obra *O ciclo das águas*, percebemos que Esther foi criada em uma família de formato patriarcal, rígido para com as mulheres, que deviam ser obedientes. Depois, Esther foi vítima da rede tráfico internacional de mulheres e não teve outra escolha a não ser se submeter à prostituição forçada. Depois, no entanto, como foi a conduta de Esther? Ela continuou a ser obediente às ordens masculinas e da sociedade, ou mudou seu comportamento e passou a agir conforme as suas próprias vontades? Justifique com suas palavras e com exemplos retirados da obra.

8 – De acordo com o que vimos até agora sobre a condição das mulheres imigrantes, através das obras *O ciclo das águas* e *O centauro no jardim*, reflita: a vida das mulheres mudou muito com tempo? Como as filhas e netas dessas imigrantes vivem hoje no Brasil, e quais as principais mudanças, na sua opinião?



4.1- CONCLUSÃO

Esta obra foi uma tentativa de aproximar o universo acadêmico do ambiente escolar. O professor, tal qual os imigrantes abordados nesse trabalho, são seres errantes, inquietos, sempre buscando o sucesso em suas atividades e labutas diárias. Ainda, têm uma intensa capacidade de adaptação: em cada sala de aula, cujas características próprias podem ser tão diversas entre si como a origem e o destino de cada imigrante, existe uma maneira diferente de abordar um mesmo tema ou mesma atividade. É através da avaliação do professor que o planejamento sai do papel; a teoria se desenrola na sala de aula pela ação e pelo instinto do docente. No entanto, tal qual uma dança, cada atividade escolar é construída em par. O professor não está sozinho: para cada gesto do mestre, há um movimento de reação do aluno. Assim como Guedali, Esther, Rosa, Marcos, Leão, Bernardo e outros tantos personagens lidos, relidos, não lidos e ainda não nascidos da literatura, cada aluno possui uma personalidade, com suas opiniões e inquietudes sempre presentes. Para cada planejamento, portanto, há uma incerteza do seu desenrolar, que depende dos movimentos e direções que a dança vai tomar. Nesse sentido, justamente por isso, desde o início rechaçamos a inflexibilidade neste trabalho. Ele jamais será (e nem mesmo poderia ser) um modelo a ser seguido à risca. É, sim, uma sugestão sólida, na qual o professor poderá apanhar ideias, modificá-las, tomar para si e mesmo revolucioná-la, conforme seu instinto e suas próprias preferências. O que é possível desejar, é que ele seja a inspiração para um trabalho prazeroso e agradável em sala de aula (totalmente possível!), tanto para o docente como para o aluno, e fomenta na escola o gosto pela História e pela Literatura.

Paulo Marcelo Francescato Júnior
Graduado em História pela Universidade de Caxias do Sul, mestre em História pela mesma universidade e leitor voraz de qualquer narrativa escrita, histórica ou não.

4.2- REFERÊNCIAS PRODUTO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARBOZA, Tatiana Machado. A Jewish Colonization Association (ICA). IN: WAINBERG, Jacques A., coord. 100 Anos de Amor: A imigração judaica no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004.

CALIXTO, Lunara. Esther: uma prostituta judia em O ciclo das águas. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O Anti-Semitismo na Era Vargas: fantasmas de uma geração (1930-1945). 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

LIA, Cristine Fortes. Bons cidadãos: a comunidade judaica do Rio Grande do Sul durante o Estado Novo (1937-1945). Tese (Doutorado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS, Porto Alegre, 2004.

LIA, Cristine Fortes; STAEHLER INDICATTI, Kelen Katlen. Sobre Esther, Guedali, Raquel, Rosa, Leão e Débora: a literatura de Moacyr Scliar e a transmissão do Judaísmo no Brasil. Revista del Cesla. Varsóvia, n. 20, 193-208, 2017.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SCLIAR, Moacyr. A saga da colonização judaica no Rio Grande do Sul. In: WAINBERG, Jacques A., coord. 100 Anos de Amor: A imigração judaica no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004.

_____ O centauro no jardim. São Paulo: Companhia de Bolso, 2014, p. 25

_____ O ciclo das águas. Porto Alegre: L&PM, 2010, p. 60-61.

_____ Uma autobiografia literária: o texto, ou: a vida. Porto Alegre: L&PM, 2017.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2009.

REFERÊNCIAS VISUAIS:

CHAGALL, Marc. Bella e Ida pela janela. 1916, óleo sobre tela, 56 cm x 45 cm.

_____ Consagração de Abraão e seu filho. 1965, crayon e guache sobre papel, 43 cm x 32 cm.

_____ Chuva. 1911, óleo sobre tela, 86,7 cm x 108 cm.

_____ Então eu vim de longe do mar. 1948, litografia, 37,2 cm x 28,2 cm.

_____ Eu e a aldeia. 1911, óleo sobre tela, 191 cm x 150 cm.

_____ O passeio. 1918, óleo sobre tela, 196,6 cm x 163,4 cm.

_____ O violinista. 1912, óleo sobre tela, 188 cm x 158 cm.

_____ Solidão. 1933, óleo sobre tela, 102 cm x 169 cm.